

Lefebvre nos trópicos

Interpretações e apropriações contemporâneas de seu pensamento no Brasil

Proponente: Roberto Luís de Melo Monte-Mór (Cedeplar/UFMG)

RESUMO GERAL

A sessão livre tem como objetivo refletir sobre interpretações referentes ao pensamento de Henri Lefebvre a partir de várias áreas do conhecimento, realizando o esforço de aproximar a obra deste importante filósofo para a realidade brasileira. Parte-se, aqui, da discussão que Henri Lefebvre trava com a obra de Marx, a qual ele tanto assumiu de maneira fundamental quanto se colocou a tarefa de ultrapassá-la. Assim, Lefebvre lançou luz em novos temas até então não contemplados pela reflexão crítica, no que reside a reconhecida originalidade de sua obra expressa na sua abordagem, incluindo-se o método, os temas do espaço, do urbano e do cotidiano - para ficar apenas em alguns. Essa perspectiva do pensamento lefebvriano é combustível para uma série de interpretações que têm se desenvolvido no Brasil, dialogando com sua obra e colocando em evidência as intuições do pensador francês. Aqui assumimos a perspectiva de que o pensamento lefebvriano pode representar importante contribuição para a compreensão da realidade brasileira, a partir da discussão nos campos da teoria urbana, das práticas emancipatórias e da crítica social. Lefebvre é um pensador incontornável nas discussões sobre o espaço, o urbano e a cidade e seus textos abordam uma série de temáticas que esclarecem a sobrevivência do capitalismo. Como se sabe, sua abordagem eclética não era mero diletantismo - Henri Lefebvre se interessou por um enorme leque de temáticas e travou diálogos com várias tradições do pensamento como parte de seu projeto de construção de uma metafilosofia. Tendo vivido, interpretado e escrito sobre quase todo o tumultuado século XX, Lefebvre tem, ainda, muito a dizer. Sua obra buscou avançar na compreensão do atual momento do capitalismo tardio e, além disso, contribuiu com um arsenal conceitual digno da tarefa da crítica social necessária para o tempo presente. Mais ainda: Lefebvre sempre se preocupou com as intervenções políticas em seu contexto, com obras fundamentais que refletem sobre as possibilidades de transformação social rumo à emancipação.

Neste ensejo, a presente sessão livre se propõe a apresentar algumas reflexões levantadas pela leitura da obra de Henri Lefebvre. Buscaremos destacar a importância de alguns elementos de sua obra para o momento presente, para o pensamento referente a produção social do espaço, a produção do urbano, as abordagens sobre a natureza e as (im)possibilidades de práticas emancipatórias. Algumas das questões que serão abordadas na

sessão livre são: O que significa pensar a obra de Henri Lefebvre desde o Brasil? Como os textos e os métodos dele ajudam na interpretação e na proposição de possibilidades de transformação social? Quais são os seus limites?

“E o resíduo se revela o mais precioso”: Lefebvre e o método dos resíduos para pensar o urbano hoje

Thiago Canettieri (IGC/UFMG) & Geraldo Magela Costa (IGC/UFMG)

Antes de suas publicações emblemáticas sobre o urbano, em que a temática espacial se tornava explícita, Lefebvre estava às voltas com uma discussão sobre método, em especial, em sua *Metafilosofia*. Nessa obra há um projeto de recuperar o resíduo como elemento que elucida a totalidade. Afirmava, então, que a filosofia só poderia se realizar (no sentido dialético) quando incorporada em sua matéria o que foi deixado de fora, o cotidiano, o banal, elementos que Lefebvre buscou colocar em destaque na sua grande obra *Critique de la vie quotidienne*. Nesta mesma direção que, numa das obras mais estudadas do autor, *A revolução urbana*, aparece uma reflexão sobre o método da transdução, que elabora um objeto possível para orientar o pensamento crítico, movimento que parece ser necessário para explorar essa relação com a dimensão residual contida em sua metafilosofia. É neste ensejo que, para compreender os processos de totalização seria necessário dar sentido ao residual, buscando descobrir as possibilidades de entendimento que estão contidas neles. Assim, Lefebvre havia preparado o percurso de sua reflexão levando a crer que o resíduo daria uma importância tanto epistemológica quanto ontológica para a crítica social e a transformação em direção à emancipação.

O urbano-constelação: Henri Lefebvre para o Brasil do século XXI. Apontamentos para uma teoria urbana fundada em crítica radical e filosofia do cotidiano

Rita de Cássia Lucena Velloso (EAD/UFMG)

Em decorrência do modo como entendeu a racionalidade da práxis, Lefebvre localizou no centro de sua reflexão a crítica da vida cotidiana, que tanto pretendeu explicitar o conteúdo revolucionário do cotidiano, quanto elaborar uma filosofia do cotidiano que permitisse pensar as condições e configurações da vida urbana. Seu argumento estava voltado à crítica das experiências individual e coletiva colonizadas pelo consumo e dirigidas pelo conjunto das relações sociais forjado no capitalismo do segundo pós-guerra, naquilo a que denominou sociedade burocrática de consumo dirigido. Trata-se, com Lefebvre, de pensar o urbano - a partir de suas contradições imanentes - como um arranjo constelar de processos (fluxos, mudanças, deslocamentos, transformações) tomando o momento historicamente específico em que se fixam configurações diversas de vida urbana. Cinquenta anos depois, essa aposta lefebvrina de um projeto crítico de transformação da vida cotidiana assentado na contestação da passividade individual e no estabelecimento de um renovado conjunto de relações éticas, portanto coletivas, a se realizar no urbano, parece-nos caber à reflexão sobre processos produtores do espaço urbano brasileiro na atualidade, em especial aqueles que

demonstram as possibilidades, os limites e os impasses colocados pela segregação socioespacial.

Mediação urbana e socialização da natureza: uma interpretação lefebvriana

Harley Silva (UFPA)

A indústria e o processo de industrialização determinaram uma transformação profunda da realidade urbana, sintetizada por H. Lefebvre na metáfora da implosão-explosão. Um dos elementos dessa transformação foi um ocultamento relativo das formas de *mediação urbana* entre sociedade e natureza. Esse ocultamento é especialmente forte e importante quando analisamos elementos econômicos dessa relação, expressa por exemplo na discussão sobre desenvolvimento, o qual é usualmente compreendido num enfoque que tem como protagonista a indústria. Proponho mobilizar a discussão lefebvriana sobre o fenômeno e o conceito de *mediação*, para tentar uma recuperação do lugar e significado da vida urbana como mediação entre sociedade e natureza. Um ponto de chegada dessa discussão é uma modificação da visão de desenvolvimento, naquilo que este se realiza como *socialização da natureza*.

É proibido proibir: é tudo culpa dos arquitetos e urbanistas?

Amadja Borges (UFRN)

A chegada do pensamento do filósofo Lefebvre no Brasil passa pela sua compreensão do estado do bem-estar social da França do século XX, no significado da *Era* que qualificou de *Urbana* e, sobretudo, pela sua visão dialética. Suas cobranças aos governantes e aos arquitetos e urbanistas apontam para a importância de seu engajamento com a justiça social e o resgate dos centros urbanos enquanto obras e não produtos, das possibilidades dos encontros em suas ruas, da apropriação dos espaços de habitação por seus habitantes e a importância da relação entre a teoria e a prática. Formula, inclusive, propostas de faculdades de urbanismo e atuações interdisciplinares. Dentre seus métodos e técnicas, tem-se a adaptação do regressivo-progressivo para as ações frente à produção de espaço e, em 1966, a técnica *parole d'habitant* (Raymond, 2001), utilizada por uma pesquisa sobre o habitat social do *Institut de Sociologie Urbaine* em Paris, o qual dirigia. Passados mais de 50 anos de sua publicação investigamos, a partir do seu próprio método, o que acontecera com a habitação social na França, em parte de seu campo empírico: Aunay-Sous-Bois, e o que poderia implicar para o exercício de nossa profissão. O que constatamos é o que iremos contar.

Natureza – Campo - Cidade: caminhos para o espaço urbano enquanto diferencial

Rainer Randolph (IPPUR/UFRJ e UNOCHAPECÓ)

O questionamento da atual difusão de possíveis contribuições de “natureza” ou de uma “ruralização” em ambiente urbano como soluções de problemas de cidades contemporâneas, leva a confrontar esse processo com um momento/movimento oposto de “sequência” natural – rural – urbano que Lefebvre apontou num dos capítulos do livro *Direito a Cidade*. Teríamos, pode se dizer, paradoxalmente, uma “naturalização” do urbano e uma “urbanização” da natureza. “SmartCities”, “Ecotowns”, “Agricultura Urbana”, “Building with Nature”, etc são os slogans, atualmente, como melhorar a cidade por meio da “natureza(lização)”. Já anos atrás, procurou-se assegurar a “natureza” urbana (seu valor de uso) em aglomerações populacionais pela ocupação (“urbanização”) de áreas naturais (rurais) (vide condomínios etc.). Será a partir da crítica à compreensão positivista de “natureza”, como realizada por Lefebvre, que serão discutidas potencialidades e limitações desses processos em superar a “segunda natureza” da cidade (como mercadoria) e de recuperar o urbano enquanto espaço diferencial.